

## O que o tratamento do autismo ensina sobre o amor

GT: Maria do Rosário do Rêgo Barros e Paula Pimenta (coordenadoras/EBP).

Ana Beatriz Freire, Analícea Calmon, Bartyra Ribeiro de Castro, Cristina Maia, Francisco de Assis Xavier Neto, Maria Antunes Tavares, Nohemi Brown, Paulo Carvalho, Perpétua Medrado, Rachel Amin, Rachel Botrel.

O que o tratamento do autismo ensina sobre o amor? Essa questão orientou nossa pesquisa para situar as condições para o amor como forma de laço possível. O tratamento dos autistas tem muito a nos ensinar, pois traz o testemunho dos artificios e invenções utilizados por eles para que o “excesso de presença” que os invade não lhes deixe como único recurso a busca incessante de eliminá-la.

Quando um autista encontra um analista advertido da função protetora de sua defesa, abre-se uma chance de acompanhá-lo no trabalho que ele faz para fazer furo no excesso de presença e construir seus pontos de apoio para promover uma forma de laço, onde podemos situar o amor.

Para o sujeito, o acesso ao amor implica o tratamento de seu gozo autista, que o fecha sobre si mesmo. A máxima lacaniana “amar é dar o que não se tem” requer o registro da falta inscrita no campo do Outro e no próprio sujeito. Nesse registro, o amor conta com a inscrição da falta no simbólico. No jogo do fort-da, Lacan localizou um momento importante no trabalho de simbolização da falta, da ausência e da presença. A criança se utiliza do jogo com o carretel para extrair de seu corpo o excesso que retorna sobre ele quando a mãe se ausenta. Com os fonemas fort-da, que extrai da fala da mãe, representa sua ausência e sua presença, construindo, pelo recurso ao simbólico, uma presença na ausência e uma ausência na presença. Por não ter conseguido se apropriar dos restos deixados pela fala da mãe para metabolizar o excesso de gozo, o autista se coloca em um trabalho permanente para produzir um menos nesse excesso. Em seu texto sobre “A matriz do tratamento da criança do lobo”, Miller (2007, p. 141) se refere ao “esforço do sujeito para fazer entrar o menos no real”.

No autismo, é o *falasser* (parlêtre) que se encontra em evidência, com seu gozo. O autista se encontra imerso no real de um gozo sem os recursos simbólicos que lhe permitiriam uma operação de extração. Éric Laurent (2014?) se referiu a essa imersão no real como “foraclusão do furo”. O autista se encontra capturado pelo gozo de *lalíngua* e a função do clínico é a de segui-lo em seu trabalho de maneira a instituir um menos de gozo com os

recursos de que dispõe. Nem todos conseguem e ficam entregues ao isolamento. Outros, em análise, logram fazer valer suas invenções que lhes permitem uma modalidade própria de laço transferencial, como ocorreu com Miguel, atendido pela colega Nohemi Brown, que descreveremos à frente.

Pode a inscrição de uma letra ser um recurso para fazer furo no excesso de gozo e na presença insuportável do Outro, tornando possível alguma forma de laço? Essa questão nos orientou na concepção de um “amor mais digno”, ao qual se refere Lacan em sua “Nota Italiana”. Lacan considera a letra em sua função de fazer furo e de fazer objeto, produzindo um vazio e o mobiliando, de maneira a não se deixar aspirar por um vazio sem bordas, como indica Laurent (2002), em seu texto “O traço do autismo”.

É nessa direção nossa concepção do amor na clínica do autismo. O amor se apoia em alguma modalidade de enlaçamento, este se produz de forma contingente em cada invenção e abre para o autista a possibilidade de uma parceria que sustenta seu trabalho, sob transferência. O amor mais digno pode ser pensado em relação aos autistas na medida em que propõe a sustentação de um laço a partir de uma hiância, de um intervalo que não deve ser anulado nem desconsiderado. Se não houver o intervalo, o menos, haveria o reforço à carapaça protetora que leva o autista a um isolamento destrutivo.

Em seu texto, Lacan se refere ao “amor mais digno” como consequência de uma análise, na qual se fez a experiência de um impossível, aquele da não relação sexual. No tratamento dos autistas, devemos nos guiar pela dignidade do amor para não sermos capturados por nossas próprias aspirações e demandas ao nos ocuparmos deles, o que nos impediria de ouvi-los e de lhes dizer algo, como indica Lacan (1975/1998), em sua “Conferência em Genebra”. É preciso estarmos atentos aos mínimos detalhes das construções através das quais eles escrevem intervalos, o que lhes permite vivificar sua relação ao Outro.

Lacan indica como Real a dimensão ‘verdadeira’ do amor<sup>1</sup>, que Freud reconhece na transferência. Acolher e consentir com os intervalos, as hiâncias e, porque não dizer, as modalidades de impossível que os autistas produzem, lhes dá a chance de fazer amarrações inéditas que lhes permite uma abertura ao laço. Amarrações que terão como função não os deixar sucumbir ao mortífero do vazio abismal, mas poderem se utilizar da dimensão objeto

---

<sup>1</sup> Leclerc-Razavet, Elizabeth no editorial da Revista La petite girafe, n. 20 sobre “Um amor verdadeiro”: “Essa dimensão ‘verdadeira’ do amor, Lacan a indexará como Real, o que implica a amarração com os dois outros aspectos do amor, imaginário e simbólico. Desta amarração se deduzirá a direção do tratamento.”

da letra para constituir as bordas de um vazio. Uma forma de mobiliar o vazio que poderá lhes servir de apoio sinthomático.

### **A clínica da letra**

A clínica com os autistas nos mostra o *fallasser* diante dos impasses da subjetivação. À imersão em *lalíngua*, ao gozo produzido pelo impacto da linguagem sobre o corpo, é preciso instaurar a letra, inscrevendo uma cessão de gozo que pode promover a abertura ao Outro. O campo do Outro é ameaçador para o autista, que dele precisa se defender. O autista encontra-se imerso no Real, em um mundo pleno que não comporta a descontinuidade, sofrendo da “foraclusão do furo”, como indica Laurent, diferentemente da foraclusão do Nome-do-Pai da psicose. No tratamento, o analista se coloca dócil ao furo que o autista necessita que lhe seja presentificado. A visada clínica passa pela instauração de um “menos” no Real, numa operação que simula a extração do objeto, que não se deu. Busca-se a marca de uma letra que permita furar a carapaça autista e empreender um laço com o Outro.

A letra é um  $S_1$  especial que faz marca e institui o acontecimento de corpo. Mas não é somente a ela que o  $S_1$  remete, existe outro estatuto do  $S_1$  que não produz inscrição, mas somente gozo. Trata-se de *lalíngua* (*lalangue*), caracterizada por Lacan (1972-73/1985), em seu Seminário 20, como um enxame (*essaim*) de  $S_1$ , estilhaços do choque da linguagem com o corpo. *Lalíngua* é o nosso “ronroneio” (Miller, 2000-2001/2013), índice dessa substância sonora em que se produzem as homofonias, assonâncias e onomatopeias. À medida em que se extrai um  $S_1$  dentre os vários do enxame de *lalíngua* escreve-se a letra, também se escrevendo o furo. A letra fura o gozo de *lalíngua*, esvaziando-o na medida que promove um  $S_1$  que faz marca. (Álvarez, 2020). Há uma sincronia entre a inscrição da letra e o *troumatismo*.

O que faz o  $S_1$  tomar o estatuto de letra, que marca o corpo? Uma contingência. É a contingência de uma marca advinda da presença do Outro que funda um dos  $S_1$ s do enxame de *lalíngua* como letra. Ele se mantém como  $S_1$ , sem remeter por si só a nenhum sentido, mas agora faz furo no real.

O lugar do analista na clínica com o autista é o de estar atento na contingência do encontro ao uso que ele faz da letra para tratar um acontecimento de corpo. A letra demarca uma borda que contorna um vazio (a zona erógena freudiana), com a possibilidade de extração do objeto pulsional que localiza o gozo. No autismo não se institui essa extração,

mas sua simulação por meio da cessão de gozo que dá ao autista o contorno de um corpo, localizando o gozo na borda, como propõe Laurent (2014).

O caso de Miguel, atendido por Nohemí Brown, nos mostra essa operação. O menino chega para o tratamento aos 4 anos falando frases cortadas ou palavras soltas, sem sentido, não se referindo a si mesmo em primeira pessoa, não suportando que o toquem ou a proximidade com outras crianças. Agita-se e movimenta as mãos desesperadamente. Frente a barulhos fortes, tampa os ouvidos, mostrando-se aterrorizado.

Uma cena marca a instauração de um “espaço de jogo” (Laurent, 2014) entre a criança e a analista: um cavalo que manipulava não se mantém em pé e a analista diz: “caiu”. Animado, Miguel repete a cena e a palavra, enfatizando seu som. “Caiu” será repetido mais como uma onomatopeia, do que com o sentido de cair (Do Rêgo Barros, 2016). Essa repetição seguirá por várias sessões e a criança passa a se interessar pelas interjeições “ok”, “sim”, “uhum!”, soltadas pela analista, as quais repete. O que a captura é o som da voz, não as palavras, estas não parecem entrar em um sentido. Em um segundo momento, ao repetir esses sons, começará a rir e a olhar para a analista, o que parece lhe produzir certa satisfação.

O recurso ao desenho promove um giro no tratamento. Miguel intitulava seus desenhos com nomes chamativos: “caracol anormal que explodiu o corpo”, “robô com corpo de vidro” ou “alienígena que não é homem nem mulher”. Nomes que solicita que a analista escreva em uma outra folha de papel ou que solete para ele escrever. A partir daí, inicia a falar em primeira pessoa e a escrever.

Essas pequenas construções lhe permitiram localizar um gozo. Passou a tolerar fazer parte da turma, gostando quando um colega o escolhia para ser seu parceiro de atividade. Foi um dos poucos da sala que sabia ler e escrever aos 6 anos. Conseguiu fazer de sua habilidade com a leitura uma invenção. Se antes fugia da roda com os colegas, passou a se incluir, lendo histórias para eles. Inicialmente lia de maneira monótona e robotizada, depois passou a brincar com a entonação, produzindo um efeito divertido na forma como lia. Os colegas gostavam e aguardavam os momentos de leitura promovidos por Miguel.

A série de operações que a criança foi fazendo com *lalíngua* - neologismos, metonímia, escrita, organizações, “entonação” – instituíram uma letra que fez borda ao gozo, localizando-o e possibilitando a construção de um corpo. As pequenas soluções de Miguel lhe permitiram orientar-se no mundo e no campo do sentido. Do interesse pelos sons ao tratamento dado à voz, Miguel acedeu a um rudimento de laço com o Outro.

As dificuldades em acompanhar o conteúdo escolar foram solucionadas com pesquisas nas redes virtuais ou em livros, servindo-se do apoio dos pais. Outro recurso encontrado pela criança foi o curso de circo, onde gostava de “ficar pendurado e aguentar”.

Nas sessões, ele inventou um jogo com um fio: amarrava-o nos móveis do consultório, na porta e nas mãos da analista e, só então, falava de situações que lhe inquietavam e contava atividades que gostou. Ao final, desfazia os nós e guardava o fio. Amarrar e desamarrar o fio, que produzia intervalos, foi sua invenção para transmitir algo à analista.

Durante um período de férias, se angustiou na viagem e passou a pedir aos pais para enviarem mensagens à analista dizendo que estava bem, que tinha conseguido nadar e já aguentava a água no ouvido. Apesar de saber escrever, pedia para os pais fazê-lo. Após seu retorno, e cada vez mais participativo na escola, no circo e continuando com seus interesses “acadêmicos”, Miguel pediu para ver menos vezes a analista, até que parou de ir. Os pais mantiveram o contato, em várias ocasiões a pedido dele.

Mantendo essa modalidade de endereçamento à analista que não vê, certa vez pediu aos pais para contarem sobre o acidente que sofreu em um acampamento, no qual fraturou o braço. Fez cirurgia e, do hospital, pediu que escrevessem à analista. Ele não quer saber sua opinião, apenas confirma com os pais se lhe contaram. A analista indica, pelos pais, que quando ele quiser pode lhe dizer pessoalmente e Miguel responde que sabe, que quando precisar voltará, mas por enquanto prefere que os pais lhe falem, mantendo a analista no horizonte.

Martin, criança de 5 anos atendida por Francisco Xavier se apresentava em franca defesa à presença do analista, mantendo-se fisicamente afastado e tapando seus ouvidos quando lhe era dirigida alguma palavra. O analista consentiu em manter a distância necessária, desviando seu olhar e calando sua voz naturalmente estrondosa. Em certo momento, Martin entra na sala fazendo um som, repetidamente: “Afa!”, de maneira enfática, forte e olhando para o analista. Este o imita, introduzindo um intervalo entre as vocalizações: primeiro fez “ahh” e, em seguida, “Fah!”, com mais ênfase. Para sua surpresa, Martin o repetiu, enquanto mantinha seu olhar para o analista. Os atendimentos seguintes se iniciavam com essas emissões sonoras, às quais o analista introduzia pequenas variações, de tempo e de entonação, o que era acatado pela criança. O corpo foi incluído nesse espaço de jogo, com o analista

levantando os braços para acompanhar o “ahh” e os abaixando somente quando Martin dizia “fah”, promovendo uma alternância entre ele e a criança.

Certo dia, após o início da sessão nesses moldes, Martin se aproxima e senta no colo do analista. Com a voz bem baixa, o analista faz “ahh” e Martin responde com um “fah” bem forte. Segue-se esse mesmo jogo, com a voz do analista cada vez mais alta, o que era suportado e respondido pela criança, no mesmo tom. Ao ponto da voz do analista se apresentar muito alta, quase gritando, e Martin respondê-la da mesma maneira e sem tapar os ouvidos. A partir dessa sessão, o menino diminui a distância física que mantinha do analista e passa a fazer gestos, olhando-o. Assim como foi com a vocalização inicial, o analista o imita e introduz outros, sutilmente diferentes, que são imitados por Martin. Em outra sessão, a criança posiciona o analista em um lugar e inicia a fazer movimentos para que ele a imitasse. Mais à frente, passou a lhe dirigir palavras.

A contingência do encontro de Martin com o analista, por meio da vocalização “Afa!”, e as escansões introduzidas por este e acatadas pela criança, ao ponto de demarcar uma alternância das presenças, um e outro, produzem efeitos no sujeito autista, fazendo advir algo da transferência e, portanto, algo do amor. Um amor advindo de uma posição do analista que permite surgir uma invenção. A instituição da letra na contingência desse encontro faz furo na carapaça protetora de Martin e lhe permite ceder o olhar e a voz. A presença real do analista com um corpo que se deixa ser guiado, e, portanto, esvaziado, é a essência da clínica com autistas. Eles nos ensinam como o laço com o Outro pode se dar a partir do Um.

## **Considerações**

Em sua contribuição para a rubrica “O amor na prática com os autistas”, Elisa Alvarenga (2021) considera que a transformação possível operada no tratamento com o sujeito autista se apoia na introdução, no mundo do paciente, de um novo elemento que é a presença do analista. Essa presença nos ensina sobre o amor à medida que é a docilidade do analista às invenções do autista que propiciará a circunscrição da letra como furo, instituindo um “menos” de gozo. Foi o que se passou com Miguel, quando a analista acatou a repetição, por várias sessões, da brincadeira do cavalo que caía, atenta às nuances que se desdobravam a partir daí: interjeições, sorriso e troca de olhar. Esse espaço de jogo, que Laurent (2014)

afirma não ser “nem do autista, nem do Outro”, foi possibilitando a instauração de uma borda e um “menos” de gozo, por meio da cessão da voz e do olhar. Os desenhos seguiram com a operação da letra pelos  $S_1$ s de seus títulos em torno do tema do “corpo” e pela abertura à presença do analista que os escrevia ou os soletrava para a criança escrever. Nessa operação, Miguel inventa uma forma de escrever um intervalo e, ao mesmo tempo, mobiliá-lo com os títulos.

A defesa em relação ao Outro foi cedendo na escola, com sua crescente inclusão na turma por meio de suas invenções como o lugar de leitor, acompanhado da modalização da voz, e de pesquisador, que o ajudava a lidar com sua dificuldade em assimilar os conteúdos transmitidos pela professora. Também na análise, com o jogo com o fio, constrói um circuito que introduz intervalos e inclui a analista, o que permitiu a Miguel falar de si mesmo. O ápice da invenção de Miguel na transferência pode ser marcado pela dispensa da analista em sua presença real e instituição de uma ausência que se transmuta em presença pela confirmação de seu lugar de receptáculo das notícias que lhe envia, por meio de seus pais.

A posição de um vazio de demandas, presentificada pela analista, ao mesmo tempo atenta ao que pudesse se estabelecer como uma invenção, foi fundamental para que a criança fosse construindo um circuito que partiu das onomatopeias típicas de *lalíngua*, passando pelo registro da letra através dos desenhos com seus  $S_1$ s, do controle sobre o corpo da analista como condição de endereçamento, até culminar em sua presença-ausência, pelas mensagens que lhe fazia chegar. A cessão do olhar e da voz é patente no tratamento desse menino, tendo sido possível pela presentificação do furo, do lado da analista, e pela contingência de um encontro - o cavalo que cai.

Miguel e Martin nos ensinam que o amor é uma invenção, uma forma de laço que precisa levar em conta o que faz furo no Real para que a incidência traumática da linguagem sobre o corpo não deixe o *falasser* à deriva do excesso e do buraco sem bordas (*troumatisme/tropmatisme*). Ao utilizar a letra em suas invenções e as amarrações que pôde fazer a partir delas, nos mostra que o amor como laço necessita de uma invenção para fazer furo e recobri-lo, sem anulá-lo, não se deixando devorar por ele<sup>2</sup>.

## REFERÊNCIAS:

---

<sup>2</sup> “Todos nós inventamos algo para tapar o furo no real, ali onde não existe a relação sexual. Ali onde se produz um *troumatisme*, Um inventa, inventa o que pode”. (Lacan, 1973-74, Aula de 19/2/1974).

ALVARENGA, Elisa. **O amor no autismo**. Disponível em: <http://x-enapol.org/pt/portfolio-items/o-amor-no-autismo/?portfolioCats=13>.

ÁLVAREZ BAYÓN, Patricio. **El autismo, entre *lalengua* y la letra**. Olivos, AR: Grama Ediciones, 2020.

BROWN, Nohemi. **Caso Miguel: um corpo que ressoa**. 2016. [Inédito]

DO RÊGO BARROS, Maria do Rosário. Comentário do caso Miguel apresentado por Nohemi Brown no Seminário do Observatório sobre as Políticas do Autismo. 2016. [Inédito]

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 20: Mais, ainda**. (1972-1973) Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. Nota Italiana. (1973). In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 21: Os não tolos erram**. (1973-1974). [Inédito]

LACAN, Jacques. Conferência em Genebra sobre o sintoma. (1975) **Opção lacaniana**, n. 23. São Paulo: Eólia, 1998, p. 6-16.

LAURENT, Éric. Le trait de l'autiste. **Les Feuilles du Courtil**, n. 20, jul. 2002.

LAURENT, Éric. **A batalha do autismo: da clínica à política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MILLER, Jacques-Alain. A matriz do tratamento da criança do lobo. **La Cause freudienne**, Revue de psychanalyse. Paris: Navarin Editeur, 2007.

MILLER, Jacques-Alain. **O lugar e o laço**. (2000-2001). Buenos Aires: Paidós, 2013.